

O Itinerário de Sérgio Buarque de Holanda na Itália

THIAGO LIMA NICODEMO

O Convite

Os motivos que levaram Sérgio Buarque de Holanda a ser convidado para trabalhar como professor na Itália não são claros. Tanto a escassa bibliografia sobre o tema¹, quanto a documentação encontrada no Arquivo Histórico Itamaraty não permitem concluir quais teriam sido os canais que possibilitaram sua indicação por parte do Ministério das Relações Exteriores. Em seu acervo pessoal, encontra-se apenas o ofício do Chefe da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, datado de 20 de dezembro de 1952, no qual comunica a contratação do historiador brasileiro a partir de 1º de dezembro e, portanto, retroativamente para ministrar o curso de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma até o fim de 1954, com remuneração de seiscentos dólares mensais, mais três mil dólares por ocasião da partida e a mesma importância no regresso, ao término do contrato.

De qualquer modo, é possível afirmar que a viagem à Itália ocorreu em um contexto de aproximação crescente do intelectual com intuições públicas e projetos, muitos de âmbito internacional de difusão de conhecimento. Desde que assumiu o cargo de Diretor do Museu Paulista, em 1946, e enveredou definitivamente para a carreira de historiador com a publicação de *Monções* e dos textos que viriam a ser *Caminhos e Fronteiras*, Sérgio Buarque se aproximou de diversas universidades estrangeiras, foi

¹ O período em que o historiador esteve na Itália ainda precisa ser mais bem estudado e detalhado. De um modo geral, seus comentários biográficos ou autobiográficos mais conhecidos dão pouca ênfase ao período. Os *Apontamentos para a Cronologia de Sérgio Buarque de Holanda*, texto inédito organizado por sua esposa, Maria Amélia Buarque de Holanda, a partir de seus próprios apontamentos, por exemplo, se limita a algumas linhas que comentam sua atividade na Universidade de Roma e listam algumas conferências que proferiu e artigos que escreveu, não citando temas importantes que precisam ser esclarecidos, tal como sua estreita relação com o consulado brasileiro em Roma. HOLANDA, Maria Amélia Buarque Alvim. *Apontamentos para a Cronologia de Sérgio Buarque de Holanda*. s/d, Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Biblioteca Central da Unicamp. Algumas informações sobre a atividade de Sérgio Buarque podem ser encontradas no prefácio de A. Avella à recente tradução de um artigo do historiador publicado na revista *Ausonia*, durante o período em que esteve na Itália. *A Contribuição Italiana para a Formação do Brasil*. Trad. Andréa Guerini; pref. Aniello A. Avella. Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC, 2002.

convidado para participar de congressos e comissões científicas, diversas delas ligadas à Unesco. O próprio contato com o chefe da divisão cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, havia ocorrido no ano anterior, em julho de 1951, por ocasião de um convite para que o historiador participasse como membro correspondente de uma comissão da Unesco encarregada de elaborar uma “História Científica e Cultural da Humanidade”. Para essa comissão internacional foram nomeados, além dele, Fernando de Azevedo, Miguel Osório de Almeida e Gilberto Freyre. A carta oferece uma nova pista para reconstituir a teia de relações que culminou com o convite para a Itália, pois menciona que o editor responsável pelo projeto na área de história seria Lucien Febvre.

Febvre conhecia Sérgio Buarque de Holanda desde finais dos anos 1940. Em uma carta de 15 de dezembro de 1948, o historiador francês o convidou para ministrar um trimestre de curso na Sorbonne². O convite vinha por indicação de Fernand Braudel, que já vinha se comunicando com o historiador nos meses anteriores³, e que conhecera durante o período que havia lecionado na recém-fundada Universidade de São Paulo⁴. Braudel reagia, provavelmente, a uma tentativa de aproximação, pois na carta o historiador francês agradece pelo envio da segunda edição de *Raízes do Brasil*, que havia sido publicada no início de 1948, comenta uma indicação de pesquisa em arquivos e o convida para o congresso de história da colonização. Com a carta de Febvre, obteve permissão para se ausentar do Brasil no ano seguinte⁵. Por motivo desconhecido, acabou não ministrando o trimestre na Sorbonne, mas proferiu uma palestra, posteriormente editada na revista *Annales*⁶, tendo ainda participado de duas reuniões de comitês da Unesco. Segundo a cronologia escrita por sua esposa, Sérgio Buarque voltou ainda, no mesmo ano, a Paris, para participar de outras três reuniões de comitês da Unesco⁷.

² Carta em papel timbrado da IV Seção da Escola de Altos Estudos da Universidade de Paris, assinada por Lucien Febvre. Paris, 15 dez. 1948. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Cp 94 P7.

³ Carta manuscrita de Fernand Braudel. Paris, 25 jul. 1948. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Cp 95 P7.

⁴ GRAHAM, Richard. “An Interview with Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 10.

⁵ *Idem, ibidem.*

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Au Brésil colonial: les civilisations du miel”, *Annales*, 5^e année, n. 1, pp. 78-81, jan.-mar. 1950.

⁷ HOLANDA, Maria Amélia Buarque Alvim. Apontamentos para a Cronologia de Sérgio Buarque de Holanda. s/d, Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Biblioteca Central Unicamp, p. 14.

Certamente a aproximação com Lucien Febvre facilitou seu trânsito na Unesco, pois o historiador francês havia participado das discussões desde os fóruns em torno de sua fundação⁸, tendo rapidamente se tornado protagonista da política de desenvolvimento das ciências humanas na Europa, prestígio e poder reforçados ainda mais com a fundação da VI Seção da École Pratique des Hautes Études, em 1947⁹. O perfil historiográfico da obra do historiador recebia uma nova importância no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, marcada pelo trauma dos estados totalitários e nacionalismos exacerbados, uma vez que desde as primeiras articulações que geraram a revista *Annales*, seus integrantes procuravam professar uma história relativamente emancipada do paradigma da identidade nacional, valorizando as interações entre blocos civilizacionais, em seus diversos aspectos como o mental e o material, articulando as diversas ciências do homem. Não é por acaso que o projeto de elaborar uma nova história mundial estivesse presente desde os primeiros passos da Unesco, projeto que ganhou materialidade plena com sexta Conferência Geral de 1951 e o projeto de elaboração de uma “História Científica e Cultural da Humanidade” que dela resultou¹⁰. A Conferência Geral do ano seguinte, realizada em novembro e dezembro de 1952, reforçou essas intenções, mobilizando outro braço, o *Rencontres Internationales de Genève*, para o mesmo fim¹¹, evento que contou com a participação de Sérgio Buarque de Holanda, então residindo na Itália, com a organização de Lucien Febvre; e com um evento paralelo significativamente organizado em São Paulo, com a discussão do mesmo tema – as relações entre Novo Mundo e Europa¹².

⁸ DOSSE, François. *A História em Migalhas. Dos Annales à Nova História*. Bauru: Edusc, 2003, pp. 155-156. Não se pode esquecer também da importância da organização dos onze volumes da *Encyclopédie Française*. TREBITSCH, Michael. “Une entreprise républicaine”, *Cahiers Jaurès*, 2002/1-2, n. 163-164, pp. 65-78.

⁹ GEMELLI, Giuliana. *Fernand Braudel*. Valencia: PUV, 2005, p. 297.

¹⁰ ANGELL, Robert C. “Unesco and Social Science Research”. *American Sociological Review*, vol. 15. n. 2, abr. 1950, pp. 282-287.

¹¹ Os encontros foram organizados e idealizados por uma comissão ligada à Conferência Geral da Unesco, de 1952, constituída pelos professores Lucien Febvre, Gilberto Freyre, Lewis Hanke e Silvio Zavala. Em São Paulo, as reuniões ocorreram entre 16 e 21 de agosto de 1954 e foram organizadas em colaboração com a Sociedade Paulista de Escritores e enquadradas nas comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo. *El Viejo y el Nuevo Mundo. Sus Relaciones Culturales e Espirituales*. Reuniones Intelectuales de São Paulo y Rencontres Internationales de Genève, 1954. Paris: Unesco, 1956, p. 7.

¹² *Idem*, p. 9.

O movimento de cooperação intelectual e os projetos de modernização realizados no pós-Segunda Guerra Mundial, em especial com a formação das Nações Unidas e da Unesco, teve um impacto importante no Brasil e contou com o envolvimento muito ativo de intelectuais como Gilberto Freyre e Celso Furtado. É significativo que o período italiano de Sérgio Buarque de Holanda possa, mesmo que indiretamente, ser enquadrado nesse contexto de intervenção modernizadora através de projetos de criação e difusão do conhecimento. Sua crescente participação em eventos de cooperação científica internacional proporcionou, provavelmente, um estreitamento de relações institucionais, em especial com o Ministério das Relações Exteriores, que, algum tempo depois o convidou, por intermédio de sua Divisão Cultural, a assumir a recém-fundada Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma.

As Cátedras de Estudos Brasileiros e o Projeto do Itamaraty

A fundação da Cátedra de Estudos Brasileiros em Roma fez parte de um projeto de fundação de cátedras semelhantes em diversas universidades da América e na Europa no mesmo ano, 1952. Data de 16 de setembro de 1952 um memorando do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural, Heitor Lyra, apresentando a lista de professores em que “tenho pensado para as Cátedras de Estudos Brasileiros no estrangeiro”. Abaixo a lista que segue à consideração:

Tabela 1. Lista Provisória de Professores Integrantes do Projeto de Implantação das Cátedras de Estudos Brasileiros.

cidade	professor
Lisboa	Álvaro Lins
Madri	Abgail Renault
Roma	Sérgio Buarque de Holanda
Londres	Vianna Moog
Cidade do México	Cyro dos Anjos
Havana ou Bogotá	Murilo Mendes
Caracas	Paulo Bonfim
La Paz	Mario Camarinhas da Silva
Paris	Paulo Carneiro (Sociologia) ¹³

¹³ Representante brasileiro na Unesco na segunda metade dos anos 1940 e criador do projeto do Instituto Internacional da Hilea Amazônica. Cf. MAIO, Marcos Chor. “A Unesco e o Projeto de Criação de um

cidade	professor
Bordeus	Raquel de Queiroz (Literatura)
Paris	Wladimir Alves de Souza (Arte)

Fonte: Tabulado a partir do *Memorandum*, nº 268, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural. Rio de Janeiro, 24 set. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Offícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

O documento menciona ainda que os três últimos professores se revezariam entre as diferentes universidades francesas e que o professor Wladimir Alves de Souza ainda proferiria conferências na Itália, na Espanha e Portugal. Ademais, Mario Guimarães sugere que “se utilizem conferências para completar e animar o trabalho dos ocupantes das cátedras, e completa, “poderíamos contar para este fim com que há de melhor: Gilberto Freyre, Érico Veríssimo, Lourival Gomes Machado etc.”¹⁴. Confirmando o caráter político e ambicioso do projeto, o documento termina com uma anotação manuscrita endereçando-o à consideração do Ministro de Estado das Relações Exteriores, João Neves Fontoura¹⁵.

No memorando seguinte, de 24 de setembro de 1952, Mario Guimarães atenta para dois fatores importantes ainda não definidos. Em primeiro lugar, comenta que ainda estava aguardando a resposta de algumas das universidades, o que leva a crer que o projeto havia sido recentemente deliberado. Em segundo lugar, assinala o fato relevante de que o projeto ainda não havia sido confirmado, pois dependia da aprovação na Câmara dos Deputados de um aumento da verba da Divisão Cultural. Caso fosse aprovado, a Divisão contaria com uma verba de setenta a oitenta mil dólares para o projeto e, considerando que cada professor receberia em média um estipêndio de quinhentos dólares, pode-se inferir que o projeto contaria com número de onze a treze professores¹⁶. O diplomata menciona também, em nota no final do documento, que até aquele momento havia tido apenas duas confirmações, as de Álvaro Lins e Cyro dos

Laboratório Científico Internacional na Amazônia”, *Estudos Avançados*, 19 (53), 2005, pp. 117-118.

¹⁴ *Memorandum*, nº 267, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural. Rio de Janeiro, 16 set. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Offícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

¹⁵ João Neves Fontoura foi um dos homens de confiança de Getúlio Vargas desde sua ascensão ao governo do Rio Grande do Sul em 1927 e o acompanhou durante toda sua carreira política.

¹⁶ *Memorandum*, nº 268, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural. Rio de Janeiro, 24 set. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Offícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

Anjos e que, se a resposta chegasse a tempo, o professor Sérgio Buarque de Holanda poderia partir em outubro¹⁷.

O projeto consistia em oferecer sem ônus, aos respectivos países, cursos de “Estudos Brasileiros” em universidades de prestígio na maioria dos países americanos e em alguns europeus¹⁸. Em finais de outubro de 1952, a Câmara dos Deputados havia aprovado o aumento no orçamento da Divisão Cultural e já haviam sido consultados Inglaterra, Itália, Espanha, Portugal, México e os países da América do Sul em geral¹⁹. Àquela altura, já haviam se manifestado favoravelmente as universidades de Lisboa, Madri, Londres, México e Santiago, e o Departamento Cultural acreditava que, sem ter que assumir o “sacrifício financeiro”, e vendo “dilatados seu prestígio e possibilidades culturais, uma vez que os professores sejam homens de valor com aptidão para o magistério”, as outras instituições acabariam concordando²⁰.

Uma vez instituída, a cadeira deveria tornar-se “um núcleo de difusão cultural”²¹, unindo assim diversas possibilidades de divulgação do Brasil que eram antes difusas, como a promoção de conferências, exposições, traduções de obras brasileiras e publicações em geral. Por isso era desejável que o professor enviado fosse capaz de dar aulas de literatura, história, sociologia, arte e até “Geografia Econômica, se possível”²². Isso ocorreria em todos os casos em que o Brasil ainda não fomentava instituições de ensino do gênero, o que não era o caso de Paraguai e França. No primeiro, o Brasil já mantinha uma “missão cultural” com diversas cadeiras na Faculdade de Filosofia da universidade local e no segundo já havia consolidado Leitorados, que possibilitaria a sistematização de vários professores²³. O país mantinha Institutos de Cultura em

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ “Daí, a iniciativa de indagar se certas Universidades estariam dispostas a instituir uma cadeira de Estudos Brasileiros sem ônus para os respectivos países”. *Memorandum*, nº 320, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural. Rio de Janeiro, 22 out. 1952, p. 3. Arquivo Histórico do Itamaraty – Offícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*, p. 4.

²¹ *Idem, ibidem*.

²² *Idem, ibidem*.

²³ *Idem*, p. 3. Encontramos breves referências às cadeiras de estudos brasileiros precedentes ao projeto mas funcionando nos mesmos moldes na Universidade de Boston e Universidade do Panamá. Relatório do Ministério das Relações Exteriores apresentados ao Presidente da República, 1952. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações, 1952, p. 99.

Assunção, Buenos Aires, Montevideu²⁴ e Rosário, que contratavam professores nos mesmos moldes do projeto proposto. É importante ressaltar que o projeto das cátedras de estudos brasileiros acompanhava em paralelo a implementação de institutos de cultura brasileira nos moldes dos institutos Goethe (Alemanha), Cervantes (Espanha), Instituto de Cultura Italiana, dentre outros.

Apesar do papel aglutinador desses intelectuais, não era claro se seriam adidos ou simplesmente conselheiros culturais. Não escondendo suas pretensões, o diretor da Divisão Cultural questionava se, com os resultados, não haveria a necessidade da nomeação de um adido cultural em complementaridade ao professor contratado e até adidos de imprensa poderiam ser nomeados, nas embaixadas que ainda não contavam com área específica desempenhando tal função²⁵. Se plenamente aprovado pelo ministro de Estado, o plano da Divisão Cultural era que o projeto contasse com quinze professores²⁶.

A ideia de fundação das cátedras tem como pressuposto alguns fatores determinantes que dizem respeito à ascensão de uma cultura nacional como objeto de estudo com legitimidade de campo de conhecimento. Em primeiro lugar, deve-se considerar a criação em um plano internacional de *area studies centers*, organismos universitários dedicados ao estudo de unidades geopolíticas como países, continentes ou subcontinentes sob uma perspectiva multidisciplinar²⁷. Além disso, os *area studies centers* têm por característica uma pluralidade de meios de atuação, normalmente como arquivo e unidade de ensino, e tem capacidade de articulação de publicações e exposições²⁸. Essa ideia ganhou concretude nos Estados Unidos ao longo da Segunda Guerra Mundial com a criação dos primeiros Institutes of Latin American Studies, e o primeiro deles foi o da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, em 1940 e o segundo, na Universidade do Texas em Austin, no ano seguinte²⁹.

²⁴ O Instituto de Cultura Uruguaio-brasileiro de Montevideu.

²⁵ *Idem*, p. 5.

²⁶ *Idem*.

²⁷ CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: Origem e Significados*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 23.

²⁸ *Idem*, p. 23.

²⁹ *Idem, ibidem*.

O nascimento desses institutos ao final da Segunda Guerra Mundial não foi fortuito, tendo exercido uma função político-estratégica clara de municiar o Departamento de Estado norte-americano de informações relevantes que permitissem o exercício, manutenção ou reforço de sua hegemonia. Logo depois o projeto foi ampliado e estendido a universidades de todo o território americano, aumentando assim as possibilidades de os Estados Unidos sedimentarem sua influência na América Latina, prevalecendo sobre a União Soviética, na nítida conjuntura de Guerra Fria.

A ascensão do Brasil a tema digno de estudos especializados em um panorama científico internacional certamente está vinculado à afirmação desses interesses estratégicos e políticos, já que, justamente nesse período, ganhou enorme importância na política externa do governo do presidente Franklin Roosevelt³⁰. Vale destacar que, no início dos anos 1940, mesmo momento de criação dos Institutes of Latin American Studies, Willian Berrien e Rubens Borba de Moraes começavam a elaborar nos Estados Unidos o projeto do *Handbook of Brazilian Studies*³¹ nos mesmos moldes do *Handbook of Latin American Studies* editado entre 1936 e 1940 por Lewis Hanke. Sérgio Buarque foi convidado a participar do projeto, que, após diversos percalços, foi publicado em 1949 com o título de *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*³².

Robert Wegner, baseado em carta de Rubens Borba a Sérgio Buarque, levanta a hipótese de que, em 1940, Hanke chegou a encontrar no Rio de Janeiro os dois intelectuais³³. Como mencionamos anteriormente, a primeira viagem do historiador aos Estados Unidos, em 1941, tão importante no desenvolvimento do que viria a ser a obra *Monções*³⁴, foi realizada a convite da própria Divisão Cultural do Departamento de Estado, em nome da promoção dos “valores pan-americanos”³⁵ e sob a influência de Berrien e sobretudo Lewis Hanke. Berrien representava, na época, a fundação Rockefeller, e fez diversos convites de viagem a intelectuais brasileiros. Mário de

³⁰ TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, pp. 38-45.

³¹ WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste*, op. cit., pp. 71-72.

³² MORAES, Rubens Borba de e BERRIEN, William (org.). *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949.

³³ WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste*, op. cit., p. 76.

³⁴ Essa é a hipótese defendida por Robert Wegner em sua obra *A Conquista do Oeste*, op. cit.

³⁵ *Idem*.

Andrade, por exemplo, declinou do convite por desconfiar do “namoro interessado” dos americanos com o Brasil³⁶.

De qualquer maneira, a ideia de “estudos brasileiros” toma forma em meio ao conluio entre pretensões políticas e produção de conhecimento e como desdobramento dos estudos latino-americanos. Não é exagero afirmar que o projeto do Itamaraty de fundação das cátedras de estudos brasileiros emerge nesse contexto. O próprio Mario Guimarães, Chefe da Divisão Cultural, estabelece essa relação em um de seus primeiros relatórios ao Ministro de Estado, escrito quando o projeto ainda não ganhara corpo. O diplomata reconhece que nos Estados Unidos várias universidades instituíram cursos de estudos brasileiros, e com essa justificativa o Itamaraty considerava a exequibilidade da empreitada em Buenos Aires, Santiago, Madrid e Roma, sem contar um favorecimento dos Leitorados na França³⁷.

A execução do projeto do Itamaraty ainda deve ser estudada com maior profundidade. A partir de Sérgio Buarque de Holanda, levantamos uma boa quantidade de material relativo à atividade dos outros professores que participaram do projeto de fundação das cátedras. Os relatórios, cartas e material variado detalham a atividade dos professores em seus respectivos países de atuação. O projeto acabou se desarticulando em 1955, pouco após o término do contrato da primeira leva de professores, provavelmente por remanejamento de verbas e de prioridades do Itamaraty³⁸. É possível

³⁶ CASTRO, Moacyr Werneck de. *Mário de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 119-120 e 139. “Nova Canção *Dixie*”: “Mas por que tanta esquivança!/ Lá tem boa vizinhança/ Com prisões de ouro maciço/lá te darão bem bom lanche/ e também muito bom linche/Mas se você não é negro/ O que você tem com isso!/ No, I'll never be/ in Colour Line Land/ É a terra maravilhosa/ Chamada pelo amigo Urso, Lá ninguém não cobra entrada/ Se a pessoa é convidada/ Depois lhe dão com discurso. Abraço tão apertado/ Que voce morre asfíxiado./ Feliz de ser estimado./ No, I'll never be/ In colour Line Land”. *Correio Paulistano*, 26 nov. 1946 e não figura nas *Poesias Completas*. Cf. LOPEZ, Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*, 1972, p. 29.

³⁷ “O certo é que o interesse pelo Brasil pode ser alimentado de muitas maneiras e os cursos de estudos brasileiros ou de língua portuguesa constituem núcleos de difusão sumamente recomendáveis. Nos Estados Unidos várias Universidades os instituíram e, neste momento, considera o Itamaraty a exequibilidade de mantê-los em Buenos Aires, Santiago, Madrid e Roma. Procura-se também favorecer a ideia dos leitorados, que o Convênio cultural com a França prevê”. *Memorandum* (Relatório da Divisão Cultural), nº 30, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Secretário Geral Interino. Rio de Janeiro, 15 fev. 1951. Arquivo Histórico do Itamaraty – Offícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

³⁸ “Outra medida que a Divisão Cultural se viu obrigada a adotar foi a supressão das Cadeiras de Estudos Brasileiros das principais Universidades estrangeiras. É pensamento da Divisão Cultural reencetar tais cursos logo que desapareçam as circunstâncias que a forçaram a suprimi-los. *Relatório do Ministério das Relações Exteriores apresentados ao Presidente da República, 1955*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações, 1955, p. 61.

que a interrupção do projeto tenha relação com a conjuntura política conturbada vivida no Brasil logo após o suicídio de Getúlio Vargas e da ascensão de Café Filho à Presidência da República.

Algumas universidades, como foi o caso da Universidade de Roma, institucionalizaram a cadeira de Estudos Brasileiros e passaram a mantê-la com seus próprios recursos. Não é improvável que o Itamaraty tenha continuado a atuar, mantendo os cursos em algumas dessas universidades. Uma pesquisa mais aprofundada também poderia ajudar a compreender em que medida essa estrutura é aparentada dos atuais Leitorados. Listamos na tabela que segue os países e universidades que efetivamente participaram do projeto e os professores vinculados às cátedras,

Tabela 2. Lista final de professores e universidades integrantes do projeto de implantação das cátedras de Estudos Brasileiros.

país	universidade	professor
Alemanha	Universidade de Heidelberg	João Milanez da Cunha Lima
Argentina	Universidade de Buenos Aires	Garcia Menezes
Bélgica	Universidade Católica de Lovain	Murilo Mendes
Canadá	Universidade de Ottawa	Pedro Xisto de Carvalho
Espanha	Universidade de Madrid	Paulo da Silveira
Estados Unidos	Universidade da Carolina do Norte	Lawrence Sharpe ³⁹
Itália	Universidade de Roma	Sérgio Buarque de Holanda
França	Universidade de Bordeaux	Maria Alice Faria
França	Universidade de Paris, Sorbonne	Celso Ferreira da Cunha
México	Universidade do México	Cyro dos Anjos
Nicarágua	Universidade Nacional	J. Paulo de Medeyros
Peru	Universidade San Marcos	Josué Montello
Portugal	Universidade de Lisboa	Álvaro Lins
Suíça	Universidade de Genebra	Sergio Milliet

Fonte: Tabulado a partir do *Memorandum*, nº 320, do Diretor da Divisão Cultural do Itamaraty, Mario Guimarães, ao Chefe do Departamento Político e Cultural. Rio de Janeiro, 22 out. 1952, p. 3. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

³⁹ Pelo que é possível inferir dos registros que temos disponíveis, Lawrence Sharpe apenas aproveitou o ensejo do projeto do Itamaraty para pedir apoio a suas atividades dentro de uma estrutura acadêmica já constituída, de um dos mais antigos centros de Estudos Latino Americanos.

Os Primeiros Meses na Itália

Quatro dias após o *Memorandum* número 320, de 22 de outubro de 1952, no qual Mario Guimarães comenta que ainda esperava uma sinalização positiva de Roma, o Itamaraty recebeu uma carta em tom pessoal de Antonio Ambrosini, que escreve em italiano em papel timbrado da Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Buenos Aires. Ambrosini comenta que pode solicitar a instituição da cadeira proposta pelo governo brasileiro intercedendo, seja junto ao Ministério da Educação (Ministero della Pubblica Istruzione), seja junto a Universidade de Roma, pois é “colega e amigo” do atual Ministro da Educação e seu irmão, Gaspare, é deputado e presidente da comissão que equivaleria às relações exteriores italianas (Affari Esteri). Finaliza a carta solicitando os dados necessários para dar prosseguimento ao pedido⁴⁰.

O Itamaraty já havia formulado o pedido em ofício enviado ao Ministério das Relações Exteriores italiano desde 30 de julho de 1952 e, desde então, Sérgio Buarque de Holanda já figurava como a indicação para a vaga⁴¹. O governo italiano dá parecer favorável ao pedido brasileiro em 6 de agosto de 1952, e encaminha para a deliberação do Ministério da Educação (Istruzione Pubblica) e da Universidade de Roma⁴². Em 22 de setembro do mesmo ano, o governo italiano dá a notícia de que o Ministério aceitou e o pedido está em deliberação na universidade⁴³, vindo, finalmente, a confirmação da universidade em 17 de novembro de 1952⁴⁴.

Os três primeiros meses de trabalho de Sérgio Buarque de Holanda parecem ter sido um tanto decepcionantes, coisa que não esconde em relatório do início de abril de

⁴⁰ Carta de Antonio Ambrosini a desconhecido na Divisão Cultural do Itamaraty (possivelmente Mario Guimarães). Buenos Aires, 26 out. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

⁴¹ Cópia do ofício número 122 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministero degli Affari Esteri da Itália. Roma, 30 jul. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1952.

⁴² *Nota Verbale* de número 10831/151 do Ministero degli affari Esteri à Embaixada do Brasil. Roma, 6 ago. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1952.

⁴³ *Nota Verbale* de número 13480/177 do Ministero degli affari Esteri à Embaixada do Brasil. Roma, 22 set. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1952.

⁴⁴ *Nota Verbale* de número 16675/205 do Ministero degli affari Esteri à Embaixada do Brasil. Roma, 17 nov. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1952.

1953⁴⁵ ao chanceler João Neves da Fontoura. Em primeiro lugar, reclama da forma de pagamento de seu salário, pois os seiscentos dólares originalmente prometidos se transformavam em quinhentos com a obrigatoriedade de conversão segundo a “taxa oficial”, solicitando permissão para que pudesse converter seu salário segundo câmbio normal, ou que seu salário fosse corrigido considerando a defasagem. Em seguida, lamenta não ter podido dar início a seu curso de estudos brasileiros, pois a cátedra ainda estava em processo de sistematização. Os estudos brasileiros estavam sendo instituídos concomitantemente às cadeiras de estudos norte-americanos e hispano-americanos e, por isso, seria necessário esperar um pouco mais, até outubro, início do novo ano letivo. Enquanto isso, o historiador poderia dar aulas em cursos livres dentro do departamento, com aulas ministradas em italiano, mas deliberou com o diretor da Faculdade de Filosofia e Letras, Angelo Monteverdi, que o momento oportuno para começar o curso seria em abril, logo depois do feriado da Páscoa, visto que fevereiro e março os alunos estavam empenhados nos exames⁴⁶. Ainda comenta que, pelo fato de a cátedra ser ligada ao Instituto de Literaturas Românicas da Faculdade, suas aulas deveriam versar sobre temas em história da literatura e não história social e econômica, como havia idealizado.

Apesar de poucos resultados práticos, ressalta que em seus três primeiros meses já havia exercido outros aspectos da função para a qual fora contratado: trabalha como diretor do recém-fundado Instituto Cultural Ítalo-brasileiro; atuação junto à Fundação Américo Rotellini, dedicada a oferecer bolsas de estudos a estudantes brasileiros; preparo, ou contribuição no preparo, de uma relação de cinquenta livros a serem traduzidos e publicados pela editora Fratelli Bocca, e início da organização de um número especial da *Revista Ausonia*, sobre as letras brasileiras dos séculos XIX e XX⁴⁷.

⁴⁵ Documento datilografado assinado por Sérgio Buarque de Holanda, relatando suas atividades ao Ministro das Relações Exteriores. Roma, 4 abr. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

⁴⁶ *Idem*, pp. 2-3.

⁴⁷ *Idem*, pp. 2-3.

Colaboração no IV Centenário

Enquanto não começavam as aulas, Sérgio Buarque de Holanda passou uma parte de seu tempo⁴⁸ em arquivos romanos e encontrou uma considerável quantidade de documentos sobre o Brasil. O historiador ainda era diretor do Museu Paulista – fora só afastado do cargo durante a viagem, e membro da Consultoria Técnica de Comemorações Culturais⁴⁹ e Congressos⁵⁰ da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, desde 1952. Nessa condição, estreitou a colaboração entre a Embaixada do Brasil na Itália e a Comissão do IV Centenário, de modo que, no período em que esteve em Roma, houve um envio maciço de documentação histórica proveniente de arquivos italianos a São Paulo. Não é casual que, já na Itália, em agosto de 1953, o intelectual tenha sido nomeado colaborador da Exposição Histórica de São Paulo, dirigida pelo historiador português Jayme Cortesão⁵¹. A colaboração no intercâmbio de documentos tornou-se tão intensa que Cortesão chegou a realizar visita oficial como presidente da comissão da exposição histórica entre dezembro de 1953 e janeiro do ano seguinte⁵².

O historiador português pretendia assegurar o empréstimo do original do Planisfério de Cantino de 1502, localizado no Centro de Documentação da Província de Módena, conhecido por ser uma provável cópia de carta da Casa da Guiné e da Mina em Lisboa e uma das mais antigas representações do território que viria a ser o brasileiro, dos retratos de Salvador Correia de Sá e Francisco Barreto, localizados na Pinacoteca

⁴⁸ Carta datilografada assinada por Sérgio Buarque de Holanda endereçada a um membro desconhecido do Ministério das Relações Exteriores (provavelmente Jayme Sloan Chermont). Roma, 4 abr. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios, Universidades Faculdades e Escolas 1931-1954. Diversos no exterior (119/4/11).

⁴⁹ Ofício de Francisco Matarazzo Sobrinho, Presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo a Sérgio Buarque de Holanda, convidando-o para participar da Consultoria Técnica do Serviço de Comemorações Culturais desta Comissão. São Paulo, 2 fev. 1952. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Vp 48 P2.

⁵⁰ Ofício de João Pacheco Fernandes, Presidente em exercício da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo a Sérgio Buarque de Holanda, convidando-o para participar da Consultoria Técnica do Serviço de Congressos em Geral dessa Comissão. São Paulo, 4 jul. 1952. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Vp 49 P2.

⁵¹ Ofício de Francisco Matarazzo Sobrinho, Presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo a Sérgio Buarque de Holanda, convidando-o para participar da Consultoria Técnica Exposição Histórica de São Paulo dentro do Quadro da História do Brasil. São Paulo, 14 ago. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Vp 53 P2.

⁵² Ofício número 22 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministro de Estado das Relações Exteriores (Vicente Rao). Roma, 27 jan. 1954. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1954.

do *Palazzo Vecchio*, em Florença e de originais ou fotocópias de uma lista de documentos históricos⁵³. A lista solicitando fotocópias continha alguns mapas e correspondências dos séculos XVI e XVII e uma longa lista de protocolos da Secretaria do Ministério das Relações Exteriores italiano, produzidos no século XIX, que documentavam a aproximação de Florença com o Brasil, desde sua emancipação, com nomeação bilateral de consulados⁵⁴. Mesmo com a intervenção direta do Embaixador Carlos Alves de Souza junto ao setor cultural da prefeitura de Florença⁵⁵, Cortesão teve sérias dificuldades para obter a liberação dos retratos⁵⁶.

Não é certo que Sérgio Buarque de Holanda tenha encontrado pessoalmente com Jayme Cortesão na Itália, muito embora se conhecessem e, em 1952, tivessem travado um debate intenso nas páginas de jornais brasileiros acerca da interpretação de mapas e cartas do Brasil, cujas reverberações são explícitas em *Visão do Paraíso*⁵⁷. Quando se referiu, muitos anos depois, ao historiador português e sua viagem à Itália, deixou de comentar esse fato⁵⁸. No que se refere à documentação localizada, Sérgio Buarque oferece indícios de suas atividades somente em um artigo, de 1967, no qual trata dos projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil em finais do século XVI e início do XVII. O historiador comenta:

⁵³ Ofício número 337 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministro de Estado das Relações Exteriores (Vicente Rao). Roma, 14 dez. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1953.

⁵⁴ Ofício número 217 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministro de Estado das Relações Exteriores. Roma, 25 ago. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1953. Vale ressaltar também a existência o ofício número 238 de 8 set. 1953, enviando uma lista complementar de documentos a serem fotocopiados originados de arquivos e bibliotecas de regiões diversas na Itália e uma lista definitiva enviada em ofício de 23 out. 1953, de número 282. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1953.

⁵⁵ Carta em italiano do Embaixador do Brasil na Itália ao Diretor Adjunto da Direzione Generale degli Affari Culturali de Florença. Roma, 19 nov. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1953.

⁵⁶ “O senhor Navarrini (Diretor do Setor de Relações Culturais do Ministério das Relações Exteriores da Itália) enviou comunicações a vários órgãos do Governo italiano, como o Ministério do Interior e o Ministério da Instrução Pública (Educação), e as respostas recebidas foram francamente negativas no que diz respeito a cessão dos originais dos mapas e cartas, bem como dos retratos de Salvador Correa de Sá e Francisco Barreto”. Carta do Embaixador do Brasil na Itália a Jayme Cortesão. Roma, sem data (posterior a 9 de janeiro de 1954). Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1954.

⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Um Mito Geopolítico: A Ilha Brasil”. (*Tentativas de Mitologia, op. cit.*, pp. 61-84).

⁵⁸ *Idem*, pp. 7-8.

“A oportunidade que me ofereceu uma estada de dois anos na Itália, de entrar em contato direto com arquivos florentinos a contar de 1952, permitiu-me recolher alguns textos que poderiam esclarecer as tentativas mencionadas por Braudel merecedoras, sem dúvida, da atenção dos nossos estudiosos e professores de História. Os documentos que passarei a reproduzir, em sua maior parte inéditos, representam antes de tudo uma contribuição para quem pretenda realizar trabalho mais largo. Ou melhor, nas palavras de quem me escreveu, em carta de 5 dezembro de 1953, o então diretor do Arquivo de Estado de Florença, tem eles um valor ‘apenas indicativo para ulterior extensão das pesquisas a outras *filze* onde também se acharão certamente notícias sobre o Brasil’. As exigências de trabalho constante que me prendiam a Universidade de Roma, impediram-me então de ampliar muito mais as investigações ampliadas no arquivo mediceo”⁵⁹.

De fato, a carta e a documentação anexa encontra-se em seu arquivo pessoal na Unicamp⁶⁰ e comprova o envolvimento do historiador no garimpo de documentação relativa ao Brasil, precisamente no mesmo período em que circulam os ofícios da Embaixada do Brasil em Roma, mapeando a documentação.

O Curso

Em junho de 1953 chegou às mãos do Ministro das Relações Exteriores do Brasil o programa do curso de estudos brasileiros que seria ministrado por Sérgio Buarque de Holanda no ano letivo de 1953-1954⁶¹. A programa é extenso e, por sua complexidade, ficam patentes o esforço em amalgamar vários temas de interesse do historiador naqueles anos. Durante o primeiro semestre em que esteve na Itália, Sérgio Buarque aproveitou o tempo fora das salas de aula para pesquisar em arquivos, dando prosseguimento a algumas pesquisas. Percebemos que alguns desses documentos aparecem como temas a serem tratados no curso. Chegou a ministrar o curso de forma

⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Os Projetos de Colonização e Comércio Toscanos no Brasil ao Tempo do Grão Duque Ferdinando I (1587-1609)”. *Revista de História*, n.71, 1967. Republicado na *Revista de História*, n. 142-143, 2000, p. 96.

⁶⁰ Transcrição em italiano, de documentos constantes no Arquivo do Estado de Firenze, relativos à história do Brasil s.l.d., com anexo da carta do Diretor do Arquivo a Sérgio Buarque de Holanda. Florença, 5 dez. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Pt 467 P74.

⁶¹ Ofício número 136 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministro de Estado das Relações Exteriores. Roma, 1º jun. 1953. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1953.

abreviada provavelmente entre abril, como explica em carta já mencionada, e julho de 1953⁶². Segue a transcrição do programa,

Curso de Estudos Brasileiros da Universidade de Roma Sérgio Buarque de Hollanda
A – Estudos Brasileiros
<p>I – Introdução Geral</p> <p>* 1. A expansão da cultura europeia no Novo Mundo, A singularidade do Brasil no continente americano: colonizado por um novo povo ibérico, não pertencente a comunidade linguística e espiritual espanhola; excetuando breve parêntesis mexicano, é o único país desse continente onde, realizada a Independência, pode implantar-se o regime monárquico. Consequências dessa situação. O Brasil e a preservação dos valores espirituais europeus e latinos na América.</p> <p>* 2. Brasil e Itália. Portugal prolonga nas rotas do Atlântico a ação colonizadora das repúblicas italianas. Os genoveses, precursores dos lusitanos em Ceuta e nos esforços para o descobrimento do caminho marítimo da Índia (Ugolino e Valdino Vivaldi). Américo Vespúcio e o Brasil. Afinidades entre o espírito da atividade colonial italiana na Idade Média e o da portuguesa no Renascimento. O açúcar na Sicília, na Madeira e no Brasil.</p> <p>* 3. Italianos na colonização e na formação intelectual do Brasil. Os Adornos, os Cavalcanti e outros colonizadores de ascendência italiana. Jesuítas da Itália (de Scipione Conitoli a Mamiani e Antonil). Influências italianas sobre a literatura colonial brasileira: as expressões renascentistas, as academias e a Arcádia. Uma carta de Basílio da Gama a Metastasio. Os arcades mineiros e a luta pela independência. Os italianos e as lutas liberais (Líbero Badaró, Garibaldi). Ima italiana, imperatriz do Brasil. A imigração italiana e o desenvolvimento econômico do Brasil nos últimos tempos. A persistência desses influxos na história nacional considerado como fruto, não de escolha caprichosa, mas de uma essencial e inelutável afinidade. O interesse que podem oferecer os estudos brasileiros.</p>
<p>II – A Terra e o Homem</p> <p>* 4. A Silhueta geográfica do Brasil: O Extremo Norte; o Nordeste; o Centro-Leste; o Sul; o Centro Oeste. As riquezas nativas e os produtos adventícios.</p> <p>5. A vida econômica do Brasil através dos tempos: o pau-brasil; o açúcar e o tabaco a mineração a criação de gado; o café; o desenvolvimento industrial nos quatro últimos decênios.</p> <p>6. Povoadores do Brasil. Portugueses, índios e negros. A colonização e a imigração nos séculos XIX e XX. A formação dos grandes núcleos urbanos.</p>
<p>III – Formação da Sociedade Brasileira</p> <p>* 7. Portugal e a colonização dos trópicos. Plasticidade social dos lusitanos. O malogro da experiência holandesa no norte. Esplendor rural e miséria urbana durante o período colonial. O patriciado agrário.</p> <p>* 8. Peculiaridades da colonização portuguesa no Brasil. Contrastes com a dos anglo-saxões e a dos castelhanos. Predomínio entre os portugueses da exploração litorânea e mercantil. As feitorias lusitanas e os <u>fundaca</u> italianos da Idade Média. Confronto com a colonização espanhola que, em geral, prefere instalar-se imediatamente no coração das terras conquistadas. Zelo urbanístico dos castelhanos: triunfo da linha reta nas</p>

⁶² Programa do Curso de Estudos Brasileiros ministrado por Sérgio Buarque de Hollanda, anexo ao Ofício número 136, *op. cit.*, p. 3.

construções das cidades.

* 9. Persistências do vinco rural no Brasil. Seus efeitos psicológicos. A cordialidade brasileira: a aversão aos ritualismos – como se manifesta ela na vida social, na linguagem, na religião, nos negócios. O papel da Igreja.

* 10. A abolição – marco divisório entre duas épocas. Incompatibilidade do trabalho escravo com a civilização burguesa e o moderno capitalismo. Da lei Eusébio de Queiroz à crise de 64. O caso Mauá.

11. Do antigo senhor de engenho ao fazendeiro de café. A missão do trabalho livre. A democracia e a formação da nacionalidade brasileira.

12. Transformações da vida brasileira durante o regime republicano. Novas tendências políticas, sociais, econômicas e culturais. A grande lavoura e o surto industrial.

B – A Literatura Brasileira: Seus desenvolvimentos

1. A literatura portuguesa no Brasil. Os primeiros cronistas lusitanos: de Caminha ao Diálogo das Grandezas.

* 2. Nascimento da literatura no Brasil. Os padres jesuítas: cartas, autos e poesias quinhentistas. Os modelos do renascimento: Bento Teixeira e sua *Prosopopéia*.

3. Seiscentismo e Barroco. A obra de Gregório de Matos e a de Manuel Botelho de Oliveira. Influências espanholas: Gongora e Quevedo. A oratória sacra do Seiscentos: Antonio Vieira.

* 4. As academias Literárias. O teatro de Antônio José da Silva. Os historiadores, cronistas e moralistas (Peregrino da América e Matias Aires). O brasileiro Alexandre de Gusmão. A epopéia seiscentista: Santa Maria Itaparica. Santa Rita Durão e Basílio da Gama.

* 5. Preeminência dos Arcades. As influências dos italianos, a dos quinhentistas portugueses e mais tarde a dos franceses substituí-se a espanhola. A “escola mineira”. Os últimos arcades Caldas Barbosa e José Bonifácio.

6. Influência das novas ideias francesas e britânicas. Publicistas cronistas economistas de fins da era colonial: do visconde de Cairú a Hipólito José da Costa e José Bonifácio.

* 7. O romantismo na poesia brasileira: de Magalhães a Castro Alves. O papel do indianismo na poesia e na prosa.

8. A literatura de ficção. Alencar, Machado de Assis e os naturalistas. Romancistas e contistas de princípios do século XX: Graça Aranha e Lima Barreto. A prosa regionalista.

9. Parnasianismo e neoparnasianismo. A poesia simbolista.

10. Historiografia Brasileira: de Varnhagen a Capistrano de Abreu. Publicistas e oradores. Euclides da Cunha. A obra de Rui Barbosa.

11. A filosofia e os estudos sociais A “escola de Recife”. O positivismo. Farias Brito. Modernas tendências filosóficas. A renovação dos estudos sociais no Brasil durante os últimos trinta anos. O papel das Universidades.

12. O movimento modernista. O regionalismo na ficção durante os anos de 30. Últimas tendências na novelística e na poesia brasileira.

C – Bibliografia sumária

* 1. Fontes para os estudos brasileiros em geral.

* 2. Fontes para o estudo da literatura brasileira desde a fase colonial até o século XX

Observações – O programa refere-se ao curso completo. Para o ano letivo de 52-53, devido a escassez de tempo disponível, só pode ser dado parcialmente. Nesse programa as matérias já lecionadas vão precedidas de asteriscos. Inicialmente fora previsto unicamente o curso de estudos brasileiros, correspondente à primeira parte (A). Como, entretanto, o curso em questão fora incluído no Instituto de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Filosofia e Letras, o Prof. Cardinale, reitor da Universidade de Roma, julgou conveniente a inclusão de uma seção especial dedicada a literatura. Essa seção forma a segunda parte (B) do programa.

Destinando-se especialmente aos alunos de língua e literatura em português, ao passo que toda a primeira parte e mais a bibliografia foram dados em italiano. Durante o ano letivo de 53-54, todo o curso, inclusive a parte de história da literatura, deverá ser dado em italiano, caso a reitoria da Universidade não julgue conveniente manter-se a divisão adotada desta vez.”

A parte bibliográfica, que deveria ser muito mais ampla, reduziu-se a dados sumaríssimos, pois não existem praticamente livros brasileiros na Universidade de Roma. Essa falha poderia ser remediada com a remessa de algumas obras essenciais, através da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores ou do Instituto Nacional do Livro, do Ministério de Educação e Saúde. Com esses livros que poderiam constituir o ponto de partida para a formação, na Universidade de Roma, de uma biblioteca brasileira, semelhante a portuguesa, já existente ali e resultante de ampla doação do governo de Portugal, o curso de estudos e de literatura brasileira poderia tomar impulso bem mais considerável.

Analisando o programa, podemos encontrar diversos traços do pensamento que Sérgio Buarque de Holanda desenvolveu em suas obras. A estrutura do curso pode servir para compreender as mutações de seu pensamento, ou melhor, a relação entre velhos temas revisitados e as novas sendas abertas.

Em uma primeira análise, chama atenção que tenha separado os “Estudos Brasileiros”, tema da parte “A” e História Literária, tema da parte “B”. Em uma das observações que fez na parte final do programa, demonstrou-se claramente mais interessando em lecionar a primeira parte, o que faz sentido, visto que para esta função fora contratado. Ele mesmo esclarece que, por conta de uma questão organizacional, “o curso em questão fora incluído no Instituto de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Filosofia e Letras”, e parece ter sido forçado pela direção da Faculdade a incluir a segunda parte.

No que tange à literatura, o autor planejou falar apenas sobre as “influências italianas na literatura colonial”, coisa que promete no item 3 da “Introdução Geral”. Sabemos que o tema das influências italianas na formação da literatura brasileira foi objeto de pesquisa do historiador nesse período. Justamente a partir de meados de 1953, o historiador retoma sua contribuição na imprensa brasileira, com artigos remetidos “via Panair”, desta forma eram anunciados no jornal, da Itália no jornal *O Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Não por acaso, o tema em comum entre todos esses artigos é o aporte italiano na literatura brasileira. Além disso, os temas dispostos entre os itens 2 e 5, da

parte “B”, correspondem, em linhas gerais, aos conteúdos desenvolvidos em *Capítulos de Literatura Colonial*, devendo ter sido ensinados no curso.

No que diz respeito à parte “A”, sugestivamente intitulada “Estudos Brasileiros”, é possível observar uma grande semelhança dos temas propostos com o sumário de *Raízes do Brasil*, especialmente no que diz respeito ao item 3, “Formação da Sociedade Brasileira”. O sub-item 7, por exemplo, propõe os temas, “Portugal e a colonização dos trópicos”, “Plasticidade social dos lusitanos”, “O malogro da experiência holandesa no norte”, “O patriciado agrário”, tal qual o Capítulo 2: Trabalho e Aventura em *Raízes do Brasil*. O mesmo ocorre com o sub-item 8, que corresponde, com algumas adaptações, ao Capítulo 4: O Semeador e o Ladrihador em *Raízes*, também no formato que ganhou na segunda edição; com o sub-item 9, que corresponde, *grosso modo*, ao Capítulo 5: O Homem Cordial, sub-item 10, que corresponde ao Capítulo 3: Herança Rural, e, finalmente, os dois sub-itens seguintes, que contêm traços do Capítulo 7: Nossa Revolução. Além disso, o sub-item 1 do primeiro item, “Introdução Geral”, aparenta ser um resumo das ideias de sua obra de estreia.

O sub-item 2 da introdução geral, dedicada à relação entre a cultura brasileira e a italiana, merece destaque especial, pois o argumento central é que a fórmula medieval genovesa de colonização imprimiu marcas definitivas no processo de colonização do Brasil, seja um tema presente e cada vez mais intenso nas pesquisas de Sérgio Buarque de Holanda. Na primeira edição de *Raízes do Brasil*, a influência genovesa aparece comentada de forma bastante secundária, mas ganha muito mais ênfase com a edição seguinte, publicada em 1948. Esta ideia aparece no sentido de reforçar um argumento mais amplo de que o português colonizador do Brasil possuía hábitos e traços mentais que ainda o ligavam profundamente à Idade Média. Não custa lembrar que o argumento foi desenvolvido por toda década de 1950, e aparece como um dos pilares de *Visão do Paraíso*, causando polêmica desde sua defesa como Tese de Cátedra na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1958⁶³.

Finalmente, o sub-item 3 da “Introdução Geral”, Italianos na colonização e na formação intelectual do Brasil, possui alguns temas relacionados com a ligação entre os poetas árcades mineiros e a Arcádia Romana, questão muito importante em *Capítulos*

⁶³ Como se pode observar pelo relato de Myrian Ellis sobre a defesa de *Visão do Paraíso*. ELLIS, Myrian. Concurso para provimento da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, *op. cit.*, pp. 503-504.

de *Literatura Colonial*. Esse é o caso, por exemplo, da carta de Basílio da Gama a Metastásio, que corresponde a um trecho muito importante no desenvolvimento da argumentação da obra, além de ter sido um dos mais republicados pelo historiador⁶⁴. O aporte italiano na formação do Brasil foi tema suscitado pela experiência de viagem a Itália e deixou marcas em muitos dos textos produzidos pelo historiador nos anos 1950. Como comenta Aniello Angelo Avella,

“Expressões como ‘Quando se pretenda estudar a significação e a amplitude da influência italiana sobre as letras brasileiras do Setecentos...’, ou ‘Quando se considerem os efeitos da influência multiforme e ainda mal estudada que exerceram as letras italianas no Brasil...’, estão disseminadas em seus escritos literários dos nos 50, dando ênfase particular à Arcádia Romana que, como lemos no ensaio aqui examinado, ‘é uma dos aspectos pelas quais a influencia italiana foi mais eficaz na formação brasileira’”⁶⁵.

O comentário de Avella se refere mais especificamente ao texto *Apporto Italiano nella Formazione del Brasile*, publicado no magazine literário italiano *Ausonia* enquanto o historiador brasileiro vivia na Itália. Essa publicação ocupou um papel importante no itinerário italiano de Sérgio Buarque de Holanda e será pormenorizada no próximo item.

Revista *Ausonia*

No início de fevereiro de 1953, Sérgio Buarque de Holanda foi convidado para participar da organização de um número especial sobre literatura e arte brasileira contemporânea da revista *Ausonia, Rivista di Lettere e Arti*, da cidade toscana de Siena⁶⁶. O convite partiu de seu diretor, Luigi Fiorentino, e sua ideia era aproveitar essa colaboração em, pelo menos, três aspectos: o primeiro com um artigo autoral, o segundo

⁶⁴ Metastásio e o Brasil, *Diário Carioca*, 15 set. 1953, republicado na *Folha da Manhã*, 6 set. 1953 (*Capítulos de Literatura Colonial, op. cit.*, pp. 120-123).

⁶⁵ AVELLA, Aniello Angelo. “Itinerários Italianos de Sérgio Buarque de Holanda”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A Contribuição Italiana Para a Formação do Brasil, op. cit.*, p. 25.

⁶⁶ Carta datilografada em papel timbrado da Revista *Ausonia, Rivista di Lettere e Arti* para Sérgio Buarque de Holanda, assinada por seu diretor, Luigi Fiorentino. Siena, 8 fev. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Smaq-Unicamp, Cp 116 P7.

articulando a colaboração de outros intelectuais brasileiros e, finalmente, solicitando uma não menos importante ajuda da Embaixada Brasileira no custeio da edição⁶⁷.

Muito provavelmente, sua indicação ocorreu por intermédio de um amigo, o escritor Ribeiro Couto. Fiorentino menciona textualmente que a carta acompanhava um bilhete do velho amigo, que pode ser encontrado no arquivo pessoal e endossava os pedidos de Fiorentino⁶⁸. Ribeiro Couto esteve presente ao longo de toda a carreira de Sérgio Buarque de Holanda desde seus primeiros anos como crítico e militante do movimento modernista. Juntos colaboraram desde os tempos da revista *Klaxon* nos anos 1920, interlocução que gerou pelo menos um célebre fruto – desde o primeiro esboço de *Raízes do Brasil*, intitulado, “Corpo e Alma do Brasil”⁶⁹ a expressão “homem cordial” é atribuída por ele ao amigo.

Sérgio Buarque conseguiu angariar a colaboração financeira da Embaixada, que comprou trezentos exemplares da revista⁷⁰. Ela acabou sendo publicada no bimestre de setembro e outubro de 1954, pouco antes de seu retorno ao Brasil. A revista se inicia com uma introdução de Luigi Fiorentino, seguindo-se o artigo de Sérgio Buarque de Holanda, “Apporto Italiano nella Formazione del Brasile”, que ocupa cerca de doze páginas da revista. O artigo seguinte é de autoria de José Lins do Rego e trata da história do romance no Brasil, “Tendenze del Romanzo Brasiliano”, uma tradução do conto de Machado de Assis, “Missa do Galo”; uma análise da obra de Machado de Assis, por Barreto Filho; um ensaio de Sergio Milliet, sobre a poesia contemporânea brasileira, “La Moderna Poesia Brasiliana”; uma antologia, “Antologia Mínima”, de poemas de escritores brasileiros contemporâneos vertidos ao italiano, de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Sergio Milliet, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes e Ledo Ivo. A revista traz ainda artigo de Luiz Heitor sobre a música brasileira, “Musica

⁶⁷ O governo brasileiro se comprometeria a comprar antecipadamente trezentos exemplares a quinhentas liras cada um. *Idem*.

⁶⁸ Cartão de Rui Ribeiro Couto a Sérgio Buarque de Holanda, Belgrado, 11 jan. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Cp 115 P7.

⁶⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e Alma do Brasil, Ensaio de Psicologia Social”, *Espelho*, 1935. Para o esboço original da ideia de Ribeiro Couto, de 1931, COUTO, Ribeiro. “El Hombre Cordial, Productio Americano”, *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 1985.

⁷⁰ Ofício número 423 enviado da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministro de Estado das Relações Exteriores. Roma, 16 dez. 1954. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1954.

d’Ogni Tempo nel Brasile d’Oggi”, de Mario Verdone sobre cinema, “*Il Giovane Cinema Brasileiro*”; um parêntese com um único texto em português endereçado ao público brasileiro, sobre o Palio de Siena, manifestação cultural típica da cidade sede da Revista *Ausonia*, de autoria de Iside Bonini e, por fim, uma seção de resenhas, com uma análise da recém-publicada tradução de *Raízes do Brasil* ao italiano, de uma antologia de poesia brasileira pública e traduzida por Mercedes La Valle, da obra *Musica Popolare Brasiliana* de Oneyda Alvarenga e de uma *Antologia de Poesia Brasileira* publicada pelo Clube de Poesia de São Paulo.

A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda como articulador ocorreu pelo convite para que Sergio Milliet escrevesse seu texto sobre a poesia brasileira contemporânea, como revela a carta recebida por Sérgio Buarque de Holanda e datada de abril de 1954⁷¹. Outro indício da colaboração do historiador com a organização da revista pode ser detectado em sua correspondência com Manuel Bandeira. Em 11 de julho de 1953, o poeta enviou uma carta a Sérgio Buarque, noticiando mais uma de suas mudanças de apartamento. Na carta, muito afetuosa, Bandeira envia o esboço de um poema que descrevia a imagem da lua de sua nova janela, dizia o autor,

“Meu novo quarto
virado para o nascente:
meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

Depois de dez anos de pátio
volto a tomar conhecimento da aurora.
Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas.

Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir.

Hei de aprender com ele
a partir de uma vez
- sem medo,
sem remorso,
sem saudade.

Não pensem que estou aguardando a lua cheia
- esse sol da demência

⁷¹ Carta de Sergio Milliet a Sérgio Buarque de Holanda. Genebra, 15 abr. 1954. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Cp 148 P8.

vaga e noctâmbula.
O que mais quero,
o de que preciso
é de lua nova”.⁷²

Sem hesitação, Sérgio Buarque solicitou a tradução e incluiu o poema na revista *Ausonia*⁷³, além de ter pedido mais inéditos, para possível publicação. Tempo depois, em julho de 1954, Bandeira responde que ainda não tinha novos trabalhos. É bastante provável que Sérgio Buarque tenha feito outros convites a colaboradores, e José Lins do Rego tenha sido angariado por seus esforços. No entanto, muitos outros colaboradores da revista não aparentam estar ligados ao historiador e sua participação pode ter ocorrido a convite de Ribeiro Couto ou por estar ligados ao próprio círculo de intelectuais da revista. Evidentemente, pesou na escolha dos autores fatores de ordem pessoal e profissional. Por um lado, muitos dos autores escolhidos possuíam ligações afetivas com o historiador, como vimos no caso de Bandeira. Por outro, suas escolhas têm uma relação evidente com a experiência da crítica literária nos anos anteriores. Uma análise geral da edição denota um grande esforço de forjar uma ideia de Brasil moderno capitaneado pela arte de vanguarda que vinha sendo produzida no século XX.

É curioso que o texto de Sérgio Buarque de Holanda destoe do panorama geral da revista, cujo foco era a literatura e outras manifestações artísticas do Brasil contemporâneo. O artigo “A Contribuição Italiana na Formação do Brasil” é um ensaio histórico, com clara preocupação didática e pressupondo um público que conhecia nada ou muito pouco sobre a história do Brasil. Em suas primeiras páginas, o texto se ocupa em delimitar o país em sua extensão territorial, e em sua peculiaridade linguística e cultural em relação a seus vizinhos sul-americanos⁷⁴.

A estrutura do texto obedece com bastante precisão aos tópicos propostos no item introdutório de seu curso de “Estudos Brasileiros”, o que parece natural, pois tanto o curso quanto o artigo foram elaborados no decorrer de 1953. Ao adentrar o tema da

⁷² Poema “Lua Nova” parte da carta de Manuel Bandeira a Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, 11 jul. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Smaq-Unicamp, Cp 124 P7. O episódio foi estudado por Pedro Meira Monteiro no artigo, “Vida e Poesia na Janela”, *Revista do Instituto de Estudos Avançados* (USP), vol. 12, n. 34, setembro-dezembro, 1998.

⁷³ BANDEIRA, Manuel. “Novilúnio”, *Ausonia*, ano IX, n. 5, pp. 67-68.

⁷⁴ “Na América do Sul, é o único país que se afasta da comunidade linguística e espiritual espanhola”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A Contribuição Italiana para a Formação do Brasil*, op. cit., p. 25.

influência italiana na formação do Brasil, o historiador volta a insistir no argumento dos predecessores medievais genoveses no padrão de navegação e colonização dos portugueses, “por essa característica mercantil que claramente o singulariza, pode-se dizer que o espírito da colonização portuguesa é um prolongamento, através das grandes rotas do Atlântico, da ação de seus predecessores e, por muito tempo, seus mestres: os navegadores italianos da Idade Média”⁷⁵.

Como mencionado, esse tema está presente em duas obras fundamentais de seu percurso nos anos 1950, *Visão do Paraíso* e *Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na Época dos Descobrimentos*. A linha argumentativa do artigo se desenvolve até o arcadismo, passando pelos jesuítas, a quem foi confiado desde cedo pela Coroa portuguesa, a “formação espiritual da Colônia”⁷⁶. Uma questão que merece ênfase particular é o desenvolvimento da consciência nacional, que Sérgio Buarque discute de um modo mais direto em relação às suas obras da época. No século XVII “o que acontecia no campo político e territorial ocorria também, mais lentamente, no campo espiritual. Em um e outro caso ainda não se afirmava uma consciência nacional definida, o que teria sido prematuro...”⁷⁷, no século XVIII, vai se tornando cada vez mais claro um anseio de independência. E certamente não se refere ao desenvolvimento de uma consciência nacional brasileira. Em sua visão, colônia e metrópole visualizam a possibilidade de alcançar na estética, “a mesma independência que, nos confrontos com a Espanha, já haviam conquistado no campo político desde 1640”⁷⁸. Assim, tanto no Brasil quanto em Portugal, o padrão estético barroco decai na medida em que os modelos italianos contemporâneos e quinhentistas se difundem, atingindo até camadas “mais humildes” da população⁷⁹. Esse processo cria bases para que, na segunda metade do século XVIII, os autores americanos comecem a manifestar um desejo de autonomia em relação a Portugal, “sob influência de uma instituição importada da Itália, as academias literárias, e ainda de outra criação italiana, a Arcádia, um sentimento de maturidade que não tardará a passar das letras à política”⁸⁰. Essa linha argumentativa

⁷⁵ *Idem*, p. 61.

⁷⁶ *Idem*, p. 91.

⁷⁷ *Idem*, p. 89.

⁷⁸ *Idem*, pp. 95-96.

⁷⁹ *Idem*, p. 97.

⁸⁰ *Idem*, p. 105.

pode ser considerada uma súmula da obra que escrevia naquele mesmo momento sobre história da literatura brasileira, *Capítulos de Literatura Colonial*. Fica claro que projetar no mapeamento da difusão de modelos estticos e ideias italianos as possibilidades de compreensão do processo de nascimento de uma consciência nacional brasileira era, talvez, sua inquietao mais pungente como pesquisador.

Em suma, o artigo da revista *Ausonia* e o programa do curso de “Estudos Brasileiros” resumem boa parte de suas preocupaes no período e ajudam a compreender a gnese de obras do período como *Capítulos de Literatura Colonial*, *Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na época dos Descobrimentos e Visão do Paraíso*. Mais do que isso, permitem que se avalie o impacto das atividades de pesquisa, ensino e interlocuo intelectual realizadas na Itália, na moldagem de seu pensamento nos anos 1950. Em capítulo específico, procuraremos desenvolver essa questão, tendo por guia a análise da obra *Capítulos de Literatura Colonial*.

Tradues, Publicaes e a Difusão da Cultura Brasileira

O projeto de divulgao cultural do Brasil no mundo não se resumia apenas ao fomento ao ensino. No mesmo ano em que o Itamaraty ps em prática o projeto de fundao das Cátedras de Estudos Brasileiros, a instituio financiou maciçamente a traduo e publicao de livros brasileiros no exterior. Ao longo de 1952, obras de divulgao sobre o Brasil foram traduzidas e publicadas em inglês, francês, italiano, alemão e espanhol em tiragens numerosas⁸¹. O Ministério das Relaes Exteriores também se empenhou no fomento ¢ traduo de obras brasileiras, normalmente dando garantia antecipada na compra de cotas das tiragens⁸².

Em meados de 1952, mesmo antes que Sérgio Buarque de Holanda chegasse, a recém-fundada editora, a Casa Editrice Europa de Verona, solicitou ¢ Embaixada

⁸¹ Segundo o relatório do Itamaraty ¢ Presidência da República uma obra geral de divulgao sobre o Brasil, traduzida nas cinco línguas mencionadas teve tiragem de cerca de duzentos mil exemplares e foi distribuída por intermédio das reparties brasileiras, empresas de transporte, agencia de turismo e universidades, além de uma pequena história do Brasil, que teve tiragem de dez mil exemplares, e seu êxito demandou nova tiragem de trinta mil e dez mil exemplares de uma história literária. Relatório do Ministério das Relaes Exteriores apresentados ao Presidente da República, 1952. Rio de Janeiro: Serviço de Publicaes, 1952, p. 92.

⁸² *Idem*, p. 93.

Brasileira em Roma que articulasse o contato com os editores brasileiros, colaborando para o maior projeto, até então, de divulgação de livros brasileiros na Itália. Seriam publicadas obras do Visconde de Taunay, *Inocência* e *Ouro sobre Azul*; José de Alencar, *Iracema*, *Senhora* e *Tronco do Ipê*; José Manuel Macedo, *A Moreninha*, *Moço Louro*; Machado de Assis, *Helena*, *Yayá Garcia*; e de Erico Veríssimo, *Clarissa*, *Musica ao Longe*⁸³. Não há notícias de que esse projeto tenha logrado êxito, mas abriu caminho para um projeto mais ambicioso que a Embaixada Brasileira realizaria com a editora Fratelli Bocca, editora sediada em Turim e fundada no século XVIII.

Sérgio Buarque de Holanda aparece envolvido com o projeto desde os primeiros contatos da editora com a embaixada, no início de 1953. O intelectual brasileiro contribui na elaboração de uma longa lista de obras a serem publicadas em levas que se diferenciam da iniciativa anterior por seu caráter menos tradicionalista e mais diversificado, atento ao desenvolvimento modernista e à tradição ensaística brasileira. As obras seriam, em ordem: *Dom Casmurro* de Machado de Assis; *Macunaíma* de Mário de Andrade; *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre; *Vida de Dom Pedro I*, de Octávio Tarquineo de Souza; *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo; *História do Brasil*, de João Ribeiro; *Apresentação da Poesia Brasileira*, de Manuel Bandeira; *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano de Abreu; *Dom João no Brasil*, de Oliveira Lima; *Interpretação do Brasil*, de Gilberto Freyre; *A Bandeira de Fernão Dias*, de Paulo Setubal; *O Coruja*, de Aloísio Azevedo; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *A Amazônia que Eu Vi*, de Gastão Cruls; *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, de Afonso Arinos de Mello Franco; *O Selvagem*, de Couto de Magalhães; *Seleção de Contos*, de Coelho Neto; *Fogo Morto*, de José Lins do Rego; *Machado de Assis*, de Lúcia Miguel Pereira; *Contos Seleccionados*, de Machado de Assis; *Velórios*, de Rodrigo de Melo Franco de Andrade; *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; e, finalmente, *Apresentação da Prosa Brasileira* e *Arte Brasileira*, sem autores citados.

Muitos elementos sobre a discussão podem ser compreendidos na carta de Sérgio Buarque a seu editor, José Olympio, de 20 de fevereiro de 1954. Nela o crítico informa sobre o desenvolvimento do projeto de tradução e publicação das obras

⁸³ Carta do Instituto Intenazionale per La Storia dei Papi, assinada por seu presidente, Tolentino Marche e enviada a Embaixada Brasileira em Roma. Roma, 6 jul. 1952. Arquivo Histórico do Itamaraty – Ofícios da Embaixada do Brasil na Itália ao Ministério das Relações Exteriores. Códice do ano 1952.

brasileiras e do desenvolvimento das negociações dos direitos autorais com a editora Fratelli Bocca.

“Há muito estava para escrever-lhe, primeiro para dar e pedir notícias suas, depois para dar conta da incumbência junto à Fratelli Bocca. Esses editores efetivamente não tinham recebido sua carta a respeito dos direitos autorais; creio que se extraviara no correio. Entreguei-lhes a cópia que v. me mandou e agora está tudo em ordem. A *Angústia* do Graciliano [Ramos] já está em provas. Serviram-se de uma tradução mandada pelo Itamarati, mas foi preciso praticamente refazê-la, pois segundo me disseram, estava bastante ruim. O *Fogo Morto* do José Lins [do Rego] está sendo traduzido e os homens gostaram tanto que pensam em pedir ao dito Zé Lins autorização para traduzir todo o Ciclo da Cana do Açúcar e talvez os *Cangaceiros*, que recebi e não acabei ainda de ler. Queixam-se de que o Gilberto [Freyre], depois de ter iniciado uma correspondência sobre direitos autorais de alguns de seus livros, moitou subitamente. Está traduzido e também em provas o *Ciro dos Anjos*, Amanuense Belmiro que sairá com o título de *Belmiro*. Nas mesmas condições, e prestes a ser publicado, *Raízes do Brasil*, do infra-assinado. Uma tradução literal do título em italiano se prestaria a equívocos”⁸⁴.

A maioria das obras citadas havia sido publicada pelo editor brasileiro nos anos 1930. Algumas delas, especialmente as obras de José Lins do Rego, cujo sucesso já era notório, haviam ajudado a consolidar a editora⁸⁵. Além das obras citadas já estavam em provas finais uma antologia da poesia brasileira com o título de *Croce del Sud*⁸⁶, *Memórias de um Sargento de Milícias*, e a biografia de D. Pedro I, de Otávio Tarquínio de Souza. Em uma visão global, essas obras procuravam produzir retrato histórico sintomático das modificações da identidade brasileira no período marcado pelo conluio de formas arcaicas – normalmente reminiscências da sociedade agrária, e a modernidade. O romance “regionalista”, de forte preocupação social, se complementa com ensaios comprometidos com a análise formativa do país, veiculados pelo editor na recém-fundada coleção “Documentos Brasileiros”⁸⁷, dirigida por Gilberto Freyre.

⁸⁴ Carta de Sérgio Buarque de Holanda a José Olympio Pereira Filho. Roma, 20 fev. 1954, *op. cit.*

⁸⁵ FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras. A Coleção Documentos Brasileiros e as Transformações na Historiografia Nacional*. São Paulo, 2006. Tese de Doutorado em História Social. FFLCH-USP, pp. 70-75. Sobre o tema, ver também SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: Una Antropología de la Circulación Internacional de Ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

⁸⁶ SPINELLI, Raffaele. *Croce del Sud*. Milano: Fratelli Bocca, 1952.

⁸⁷ FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras, op. cit.*, p. 76.

Enquanto buscava entrar em contato com Freyre para a negociação dos direitos autorais, a Fratelli Boca publicava a tradução do livro inaugural da coleção, *Raízes do Brasil*. A especificidade do gênero ensaístico de investigação da nacionalidade fica evidenciada na explicação que Sérgio Buarque dá ao editor sobre a tradução do título da obra, que se chamaria originalmente *Radiografia del Brasile*, em suas palavras,

“Adotaram provisoriamente o de *Radiografia del Brasile*, que eu vetei. Depois sugeriu-se *Introduzione ao Brasile*, mais tarde *L’Uomo Cordiale*. Prevaleceu finalmente uma versão mais próxima do original, que me foi sugerida por um escritor italiano meu amigo, o Mario Praz, isto é *Alle Radici del Brasile*”⁸⁸.

O título sugerido por Mario Praz, *Alle Radici del Brasile*, transmite com precisão a ideia de um movimento em direção ao conhecimento das raízes. Com isso, a especificidade do ensaio foi abarcada, já que a intenção do autor era compor um quadro crítico da formação histórica do Brasil e dos desafios da modernização, e não cristalizar uma identidade homogênea e atemporal. Vale ressaltar que relação de Sérgio Buarque de Holanda com Mario Praz ainda precisa ser aprofundada, esse é apenas mais um indicativo de que ela foi mais intensa do que transparece na pouca documentação que temos disponível. O arquivo pessoal do historiador brasileiro, guarda apenas uma carta do autor, agradecendo pelo envio da edição italiana de *Raízes do Brasil*⁸⁹. Além do emprego de diversos livros do autor no desenvolvimento de questões chave do livro, como a ideia de “gosto”, e de tópicos investigados como a do *non sò che*, exploramos mais a frente outros aspectos importantes da leitura feita por Sérgio Buarque da obra do crítico italiano como o uso da emblemática, e dos tratados como o *Cannochiale Aristotelico*, de Emanuele Tesauro.

Nasce uma História da Literatura

A crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda praticamente se encerra em dezembro de 1952, com seu embarque para a Itália. Do país estrangeiro, o crítico enviou

⁸⁸ Carta de Sérgio Buarque de Holanda a José Olympio Pereira Filho. Roma, 20 fev. 1954, *op. cit.*

⁸⁹ Carta de Mario Praz a Sérgio Buarque de Holanda. Roma, 30 jul. 1954. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp, Cp 168 P8.

apenas alguns artigos que foram publicados no segundo semestre de 1953. Esses artigos já coincidem com partes de *Capítulos de Literatura Colonial*, o que sugere que os originais que conhecemos hoje já tivessem escritos nesse período, na medida em que coincidem com partes descontínuas do manuscrito. Antonio Candido indica em algumas notas de rodapé do livro a existência de traços e cortes a lápis no original, que são consistentes com os limites dos artigos enviados⁹⁰.

Os textos de história literária reunidos postumamente como *Capítulos de Literatura Colonial* correspondem aos originais publicados para o volume de história da literatura colonial integrariam a coleção de Álvaro Lins, que seria publicada pela editora José Olympio. Na introdução de *Capítulos*, Antonio Candido menciona um memorando da editora que registrava adiantamentos a Sérgio Buarque de Holanda durante a década de 1940 para a elaboração da história da literatura colonial⁹¹. Os indícios apontam, no entanto, que a redação dos manuscritos ocorreu no início da década seguinte e foi acelerada durante a viagem graças à pesquisa feita em arquivos e bibliotecas italianas⁹².

De fato, na segunda metade dos anos 1940, o historiador realizou a pesquisa compreensiva no universo da literatura colonial, mas seu objetivo era publicar uma antologia de textos em coleção editada pelo Instituto Nacional do Livro. A *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial* foi publicada entre o final de 1952 e o início do ano seguinte, justamente o período em que o historiador embarcou para a Itália. O trabalho serviu de base para a elaboração dos textos da história da literatura colonial. Algumas anotações críticas foram aproveitadas praticamente sem alteração, assim como os poetas e poemas foram analisados em sua maioria, apesar das modificações na estrutura cronológica⁹³.

⁹⁰ Os principais artigos são: “Domínio Rococó”, *Diário Carioca*, 6 set. 1953, republicado na *Folha da Manhã*, 5 set. 1953 (*Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, pp. 177-181). “Metastásio e o Brasil”, *Diário Carioca*, 15 set. 1953, *op. cit.* (*Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, pp. 120-123). “Imagens do Setecentos”, *Diário Carioca*, 11 out. 1953, republicado na *Folha da Manhã*, 11 out. 1953; “Uma Epopeia Americana I”. *Diário Carioca*, 20 dez. 1953, p. 2. (*Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, pp. 264-266); “Uma Epopeia Americana II”. *Diário Carioca*, 27 dez. 1953 (*Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, pp. 141-149); “Uma Epopeia Americana III”. *Diário Carioca*, 3 jan. 1954, republicado na, *Folha da Manhã*, nos dias 17, 24 e 29 dez. 1953 (*Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, pp. 135-141 e *Tentativas de Mitologia*, *op. cit.* pp. 231-240).

⁹¹ CANDIDO, Antonio. “Introdução”. *Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, p. 9.

⁹² “Supondo que trabalhou menos no projeto a partir da mudança para São Paulo em 1946, acelerando de novo o ritmo na Itália, onde esteve do fim de 1952 ao fim de 1954 como professor da Universidade de Roma, e prosseguindo depois que voltou”. *Idem, ibidem*.

⁹³ O texto que corresponde a primeira parte do *Capítulos* intitulado “O Ideal Heroico” e o item seguinte,

Não há indícios de que a escrita do trabalho tenha ocorrido antes da viagem à Itália. Causa certa perplexidade o fato de que, em carta ao crítico datada de 9 de junho de 1952, Álvaro Lins não faça nenhuma referência à elaboração dos originais. Sua intenção era repreender Sérgio Buarque pelos comentários sobre sua tese, então apresentada ao Colégio D. Pedro II, sobre a técnica do romance em Proust⁹⁴. Essa informação não invalida a hipótese de que estivesse escrevendo o volume em 1952, mas certamente a atenua, já que o diretor da coleção para a qual estaria sendo destinado o volume, mesmo que muito atrasado, teria no mínimo a curiosidade de se informar sobre o andamento do projeto.

Tudo leva a crer que os originais hoje publicados em *Capítulos de Literatura Colonial* foram escritos em sua maior parte na Itália, especialmente em 1953. Essa intensificação nos trabalhos se deu provavelmente nos meses entre sua chegada, provavelmente nos primeiros dias de 1953 e o mês de abril, quando inicia o curso de “Estudos Brasileiros”⁹⁵. Se a hipótese estiver correta, significa que o autor viajou com a intenção de escrever o livro inteiramente na Itália. Essa conjectura também transparece no otimismo de Francisco de Assis Barbosa, um de seus amigos mais próximos, em carta na qual comenta os primeiros resultados das pesquisas em Roma. Ao ler a série de artigos então publicada no *Diário Carioca* sobre José Basílio da Gama⁹⁶, Barbosa comenta,

“[...] acabo de ler o segundo artigo que você escreveu sobre Basílio da Gama. Magnífico como o primeiro. E logo me veio à cabeça que você aproveita os vagares de professor para escrever o volume da História da Literatura do José Olympio, dedicado ao período colonial. Capisco o non capisco? (Não sei se o italiano está certo, mas você me entende). Imagino sua vida em Roma,

“As Epopeias Sacras”, foram escritos a partir destes esboços e material esparso. Mais do que isso, é possível identificar as mesmas partes reescritas ou de memória ou através de esboços, o que é mais provável. Um exemplo é a nota crítica da *Antologia*, a Bento Teixeira que foi transferida para as páginas 40 e 41 de *Capítulos de Literatura Colonial*. Esse trecho discute a referência da *Prosopopéia* a Ovídeo como “sulmones”, natural de Sulmona, sendo que a grafia convencionalizada pela historiografia literária brasileira até em tão como “Sol Munès”. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. 1ª ed., *op. cit.*, pp. 320-323.

⁹⁴ Carta de Álvaro Lins a Sérgio Buarque de Holanda, Rio de Janeiro, 9 jun.1952. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp – Cp 109 P7.

⁹⁵ Como demonstra seu primeiro relatório ao chegar na Itália, demorou até pelo menos abril para começar seu curso, e mesmo assim em uma versão mais abreviada do que a pretendida. Documento datilografado assinado por Sérgio Buarque de Holanda, Roma, 4 abr. 1953, *op. cit.*.

⁹⁶ “Uma Epopeia Americana”, *op. cit.*

lendo muito e dando muito pouca aula. Pois mergulhe no período colonial e trate de escrever seu livro. Com ensaios da altura deste, sobre Basílio, ou daquele, sobre Azeredo Coutinho será uma obra monumental, que deixará todos os basbaques nacionais de cabeça inchada”⁹⁷.

A informação de que Sérgio Buarque pretendia escrever o livro durante sua estada na Itália é confirmada pelo próprio autor em carta enviada pouco depois, em 20 de fevereiro de 1954 a José Olympio. Como comentamos, a carta foi dedicada principalmente à discussão da edição e tradução de livros brasileiros na Itália, mas não deixa de documentar o estado do projeto de elaboração da história da literatura colonial. Especialmente sobre a necessidade da remessa de livros e originais que não tinha acesso na Itália,

“Agora quanto aos meus trabalhos aqui. Além da Universidade, do Instituto de Estudos Brasileiros e de outros pequenos trabalhos estou tratando empenhadamente da História da Literatura Colonial. Tenho encontrado por aqui elementos valiosos para completar o que se sabe de nossos autores, especialmente do século XVIII, mas também do XVII. Espero chegar aí de volta com o volume praticamente pronto. Apenas alguns pontos deverei controlar e completar à vista do material bibliográfico aí existente. Embora ele seja escasso já mandei buscar no Museu Paulista, onde está hospedada minha biblioteca, o que me parece essencial. Uma parte desses livros já os tenho aqui em meu poder e serviram-me muito. Do Manuel Bandeira recebi outros, editados pela Academia Brasileira de Letras. E estou pensando em escrever ao José Carlos de Macedo Soares pedindo sua autorização para eu poder mandar microfilmear no Instituto Histórico o material manuscrito ali existente sobre a Academia Brasileira dos Esquecidos. É quase só o que falta para eu ter completa a parte relativa ao Setecentos. Dos séculos anteriores também já tenho uma grande parte escrita e pronta”⁹⁸.

As razões do insucesso do projeto da coleção de Álvaro Lins não são claras. Apenas dois dos volumes previstos foram publicados, o *Prosa de Ficção* de Lúcia Miguel-Pereira, e *Literatura Oral*, de Luís da Câmara Cascudo, respectivamente em 1950 e 1952. Pode ter influenciado para essa interrupção o fato de que, como vimos, Álvaro Lins recebeu um convite semelhante ao de Sérgio Buarque, foi enviado pelo Itamaraty para ser professor na Cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade de Lisboa no

⁹⁷ Carta de Francisco de Assis Barbosa a Sérgio Buarque de Holanda, Rio de Janeiro, 27 dez. 1953. Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Siarq-Unicamp – Cp 137 P7.

⁹⁸ Carta de Sérgio Buarque de Holanda a José Olympio Pereira Filho. Roma, 20 fev. 1954, *op. cit.*

segundo semestre do mesmo ano de 1952. Assim, no caso de Sérgio Buarque, Lins permaneceu por cerca de dois anos até retomar suas atividades como professor do Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro.

Mesmo com a volta de Sérgio Buarque, em dezembro de 1954, o compromisso em terminar a obra e publicá-la por José Olympio ainda estava vigente. Em maio de 1955, o historiador paulista recebeu uma carta de seu editor propondo datas-limite para os manuscritos da terceira edição de *Raízes do Brasil*, que deveria ser entregue imediatamente e *Caminhos e Fronteiras*, que deveria ser entregue até 10 de junho. Os originais da história da literatura que deveriam chegar às suas mãos até 31 de dezembro, coisa que, como sabemos, não ocorreu⁹⁹.

A seguir, adentramos na estrutura de *Capítulos de Literatura Colonial*, procurando compreender suas questões mais significativas, assim como sua especificidade e contribuições mais significativas à historiografia literária brasileira. Como veremos, muitas dessas contribuições ocorreram graças ao aporte bibliográfico, arquivístico, bem como da vivência no panorama intelectual italiano dos anos 1950.

⁹⁹ PEREIRA FILHO, José Olympio. *Carta a Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, 6 maio 1955, Siaqrq/Unicamp, Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Série Correspondência Passiva (manuscrito) Cp 187 cx 03, 3 p. com anexo. (apontada por Antonio Candido na introdução de *Capítulos de Literatura Colonial*, *op. cit.*, p. 9).